

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O SANTUÁRIO DO CASTELO DE MAU VIZINHO.

SANTOS JÚNIOR, J. R., et al.

Ano: 1989 | Número: 99

Como citar este documento:

SANTOS JÚNIOR, J. R., et al., O Santuário do Castelo de Mau Vizinho. *Revista de Guimarães*, 99 Jan.-Dez. 1989, p. 368-410.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Santuário do Castelo do Mau Vizinho

Por

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
ADÉRITO MEDEIROS FREITAS
ANTÓNIO DA EIRA E COSTA
NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR

O Santuário do Castelo do Mau Vizinho fica no topo de um alto e arredio picôto sobranceiro ao rio Mouce e assente na sua margem direita, ao fundo da vertente NE da Serra do Candedo.

Dele publicaram-se alguns trabalhos e, agora, se fará o estudo monográfico daquele singelo monumento, testemunho de velhos sentimentos religiosos dos nossos antepassados.

Antes de abordarmos o estudo deste santuário, faremos alusão a alguns remotos santuários arqueológicos existentes ou que existiram no nosso país.

O Santuário do Deus Endovélico

O ilustre arqueólogo Leite de Vasconcelos ocupa-se deste deus e respectivo santuário no Vol. II de «Religiões da Lusitânia», da página 111 à página 146, com 19 desenhos.

Endovélico (fig. 1), «o *deus óptimo*», era venerado como deus protector e se lhe rendia culto no santuário que ficava no alto do Outeiro de S. Miguel da Mota, em termo da freguesia de Terena, concelho de Alandroal (Alentejo).

Este deus é, entre todos os deuses da Lusitânia, o de que restam mais monumentos: aras, placas marmóreas quer com inscrições quer anepígrafas, esculturas de homens e de animais diversos nomeadamente o porco, edículas e pedras escavadas em forma de pias.



Fig. 1 — Cabeça do deus Endovéllico (1).

A figura 2 e a figura 3 (2) mostram os desenhos das duas faces de uma grande ara consagrada ao deus Endovéllico, numa das quais está esculpido um animal que Leite de Vasconcelos considera um porco.

Permito-me discordar (S. Júnior) e considerá-lo antes um bovídeo juvenil, vitelo ou vitela. O porco tem a cabeça grande e, por isso, a relação crânio-somática pode exprimir-se deste modo: comprimento do corpo sensivelmente 4 vezes o comprimento da cabeça. No porco o comprimento do corpo é, em média, 3 vezes o comprimento da cabeça. Além de que o porco tem membros mais curtos que os dos bovídeos, que os têm mais compridos e bem apumados.

(1) «Religiões da Lusitânia», Vol. II, Lisboa, 1905, pág. 144, fig. 26.

(2) «Religiões da Lusitânia», Vol. II, Lisboa, 1905, págs. 126 e 127, figs. 8 e 9.

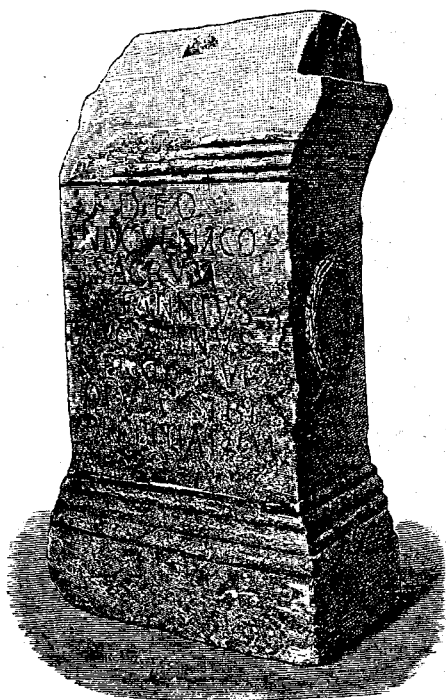


Fig. 2 — Ara consagrada a Endovélico.



Fig. 3 — Face oposta da mesma ara.

O Outeiro de S. Miguel da Mota, como refere Leite de Vasconcelos na pág. 125 «apresenta vestígios de antiga fortificação: um aterro artificial ao nascente, numa extensão de mais de cem passos, análogo ao dos castros» e, na pág. 128, «Que Endovélico também representa papel de deus curandeiro consta de vários documentos. Segundo a inscrição do castelo do Alandroal, Caio Julio Novato cumpriu um voto que havia feito a Endovélico pela saúde, *pro saluto*, da sua querida Vivennia Venusta».

«O mais importante monumento desta espécie é, contudo, uma lápide em que figura um hemiplégico (paralisia de um dos membros de um dos lados), a qual também contém uma inscrição» (fig. 4). Leite de Vasconcelos nada diz da inscrição, passa adiante e, como médico que era, formado na velha Escola Médica do Porto, faz este comentário: «a hemiplegia é esquerda e compreende-se que o doente fosse curado por sugestão, o que prova que a doença era de origem nervosa».



Fig. 4 — Ex-voto, do paralítico, a Endovélico (3).

O desenho da figura 4 reproduz o ex-voto deste paralítico e mostra a mão esquerda caída sobre a anca esquerda e a perna esquerda mais curta que a do lado direito. A figura encontra-se mutilada, talvez propositadamente, faltando-lhe a maior parte do tronco, a cabeça e o membro superior direito.

Nas págs. 139 e 140 Leite de Vasconcelos volta a afirmar que o monumento que representa o paralítico é dos mais notáveis que foram consagrados ao deus Endovélico. A sua notabilidade «depende não somente da natureza do monumento, bastante raro em si e único na nossa arqueologia,

(3) «Religiões da Lusitânia», Vol. II, Lisboa, 1905, pág. 129, fig. 10.

mas daí se ler a palavra AEDEOLV, isto é, *aedeolum* sinónimo de *aedicula*. Do mesmo modo que se ofereciam aras ao deus, ofereciam-se-lhe também imitações reduzidas de templos, que outra coisa não eram senão um *aedeolum*. E na página 144 (L. de V.) diz que os sacrifícios eram tão vulgares em todos os santuários, que notável excepção se não se celebrassem também em honra de Endovélico.

O culto de Endovélico teve o seu máximo esplendor na época romana, mas Leite de Vasconcelos (pág. 125) diz que a palavra Endovélico, que decompõe, pode ser céltica. No entanto, depois de considerar o significado dos elementos achados pela decomposição da palavra *Endovellicos* («Andevell-ico-s») atribui-lhe pouco mais ou menos o significado de «*optimus*», em português «muito bom». A seguir diz que tal significação é completamente vaga, pois tanto se pode aplicar ao deus Endovélico como a qualquer outro. Isto quer dizer que a hipótese céltica, por ser completamente vaga, não pode concretamente referir-se a Endovélico. Há uma grande diferença entre o poder ser céltica e ser, de facto, concretamente céltica.

De deus primitivo, *genius loci*, Endovélico tornou-se milagroso e foi nessa qualidade que atraiu os fiéis durante alguns séculos. As inscrições provam a existência do culto ainda no século III. Depois, no século V, diz Leite de Vasconcelos, é provável que fosse cristianizado, sob o nome de S. Miguel e refere (pág. 111) que no outeiro de S. Miguel da Mota, que pertenceu ao Sr. Manuel Ignacio Bello «ainda há pouco existia uma capela cujas paredes em grande parte se compunham de lápides daquele santuário. A capela tinha por orago S. Miguel Archanjo».

Num artigo publicado pelo Sr. Gabriel Pereira no Manuelino de Évora (N.º 38, 1881) e intitulado *As inscrições de Endovellico*, dá notícia de mais três inscrições inéditas de S. Miguel da Mota. Noutra publicação (1888) na Revista Archeologica (III, pág. 145), juntou uma planta do templo ou ermida de S. Miguel da Mota, então já bastante arruinado; as paredes deste templo, como se ponderou acima eram em parte construídas com lápides de Endovélico.

Diz ele:

*«A ermida está em ruínas; é o galinheiro do monte; não é barba-
rie o destruir de vez estes paredões; será grande perda o deixar que
algum curioso nacional ou estrangeiro aproveite as pedras; estas seriam
um ornamento no museu de Évora ou nos museus de Lisboa... Eu
peço que salvem esses monumentos.»*

«Um facto que desde já se deve estabelecer (escreve L. de V.) é que Endovélico era divindade tópica, isto é, protectora da região em que a adoravam, *numen loci*, e cujo culto estava, pois, circunscrito a ela. De facto os monumentos arqueológicos e em grande número, só se encontraram em S. Miguel da Mota. Os dois da Boa-Nova, o do castelo do Alandroal e um que encontrei na parede de um campo ao pé desta vila provieram também, muito presumivelmente de lá».

A Endovélico seriam sacrificados animais e, entre eles, especialmente o porco, visto se encontrar figurado nos monumentos mais de uma vez. E, se havia sacrificios, necessariamente que a eles presidiriam sacerdotes; natural é também admitir que para a interpretação dos sonhos (oráculos) fosse feita por intérpretes especiais.

Aos cristãos se deve atribuir a mutilação de estátuas e de muitas inscrições, pois é bem sabido «o furor com que os cristãos destruíam os ídolos e os monumentos atinentes a eles». Pelas suas dimensões, os monumentos grandes resistiram mais a essas destruições.

Leite de Vasconcelos admite, ainda, que a designação de S. Miguel sucedesse imediatamente à do Endovélico e que «os cristãos dos primeiros tempos olhassem aquele santo como um dos génios tutelares da Medicina».

Santuário de Hércules

Por informação de Êphoro, que viveu no séc. IV a. C., teria existido um santuário no *Promontorium sacrum* (Cabo de S. Vicente — Sagres), o que «se deduz da refutação que desse facto pretende apresentar Estrabão pela boca de Artemidoro (séc. I a. C.).

Leite de Vasconcelos (4) julga ser de admitir como verdadeira a informação dada por Êphoro, pois que nos 300 anos que separaram as duas visitas ao *Promontorium sacrum* (de Êphoro e de Artemidoro) se o santuário fosse um singelo altar, este teria sido facilmente destruído. O mesmo con-sagrado arqueólogo e Professor esclarece que por Hércules devemos entender, não um deus grego, mas a denominação grega do deus fenício *Melkart*, que tinha santuários junto dos portões de todas as colónias fenícias e foi, pelos gregos, assimilado a Hércules.

(4) Leite de Vasconcelos em «Religiões da Lusitânia», Vol. II, Lisboa, 1905, pág. 199 e seguintes.

Estrabão, seguindo o que disse Artemidoro, anterior a ele meio século, diz «que ali não é permitido ir de noite aquele lugar (Promontorium sacrum), porque se assevera que os deuses estão lá então, mas os que vêm para o ver pernoitam em uma aldeia vizinha e entram nele depois, durante o dia, levando consigo água, por causa da falta dela. Mais diz, segundo Artemidoro, que em muitos sítios há grupos de 3 e 4 pedras, que são pelos visitantes voltadas, em virtude de um costume tradicional e deslocado *depois de eles fazerem libações*.

Em 1894, escreve Leite de Vasconcelos, desloquei-me ao Promontório a fim de saber se havia alguma lenda ou superstição popular que pudesse ser relacionada com a narrativa de Artemidoro.

«... e não perdi as passadas. No extremo do Cabo, perto do pharol das ruínas do convento de S. Vicente, ha varios moticulos de pedras que o povo chama moledros e molédros, isto é, «moledos», dizendo mesmo «um moledro de pedras». A propósito d'esses moledros colhi da bôca do povo as duas seguintes notícias:

- a) — quando se leva do *moledro* uma pedra, e se deixa num sítio, aí a pedra anoitece e não amanhece: isto é, vai-se de manhã ao sítio em que à noite se deixou a pedra e esta já lá não está, e reaparece no *moledro*; é D. Sebastião que de noite retira a pedra para o *moledro*.
- b) — quando se leva do *moledro* uma pedra sem ninguém saber e se coloca debaixo do travesseiro, aparece lá, ao outro dia, um soldado, que logo desaparece para ir, outra vez, já transformado em pedra, colocar-se no *moledro*.

Na interpretação de Leite de Vasconcelos:

- as pedras são verdadeiramente objectos mágicos representando, cada uma delas, um soldado encantado;
- D. Sebastião tratar-se-á de uma adaptação posterior ao séc. XVI, que se compreende talvez pela influência sebastianística dos frades de S. Vicente, bem como à lenda de que o rei aventureiro havia de chegar um dia dos lados do mar.

Estrabão (diz L. de V.) dá três notícias de grande interesse:

- 1.^a — A existência de um santuário consagrado a Hércules no *Promontorium sacrum*, afirmado por Êphoro.

- 2.^a — O haver ali pedras com as quais celebravam cerimónias rituais.
- 3.^a — A santidade do lugar por nele se reunirem os deuses durante a noite e, por isso, só ser permitida a visita dos mortais de dia e apenas para modestas libações de líquidos — vinho puro ou misturado com água, leite, sangue, azeite, hidromel e outros — que se vertiam nos altares ou espalhavam nas águas.

Santuário a Saturno

Na página 213 do Vol. II de «Religiões da Lusitânia», Leite de Vasconcelos reproduz a seguinte passagem da *Ora maritima* de Avieno:

Inhorret ind rupibus *Cautes Sacra*
Saturni et ipsa... (5).

e, a seguir, diz que *Cautes* significa o extremo oriental do Promontório, ou ponta de Sagres. E termina nestes termos: «A dar fé a esta notícia — e não há motivos paa lh'a negar — vemos que existiu aqui também um santuário a Saturno» e, deste modo, no *Sacro Promontório* havia dois santuários: o de Hércules e o de Saturno.

Santuário das «Pias dos Mouros»

As «Pias dos Mouros», designação por que é conhecido este interessante e ainda bem conservado santuário, encontram-se situadas na freguesia de Argemiz, concelho de Valpaços e apenas a cerca de 5 quilómetros de Carrazedo de Montenegro.

De fácil acesso a pé, distam cerca de duzentos metros da estrada nacional n.º 206. Quem, de Chaves ou de Carrazedo de Montenegro, passando por Argemil, se dirija a Valpaços, encontrará as Pias dos Mouros à direita do desvio para o Pereiro, num pinhal e no extremo de um terreno de cultura anexo (Fig. 1).

(5) O poeta escreve et ipsa, porque no v. 165 tinha falado de uma ilha também consagrada a Saturno.

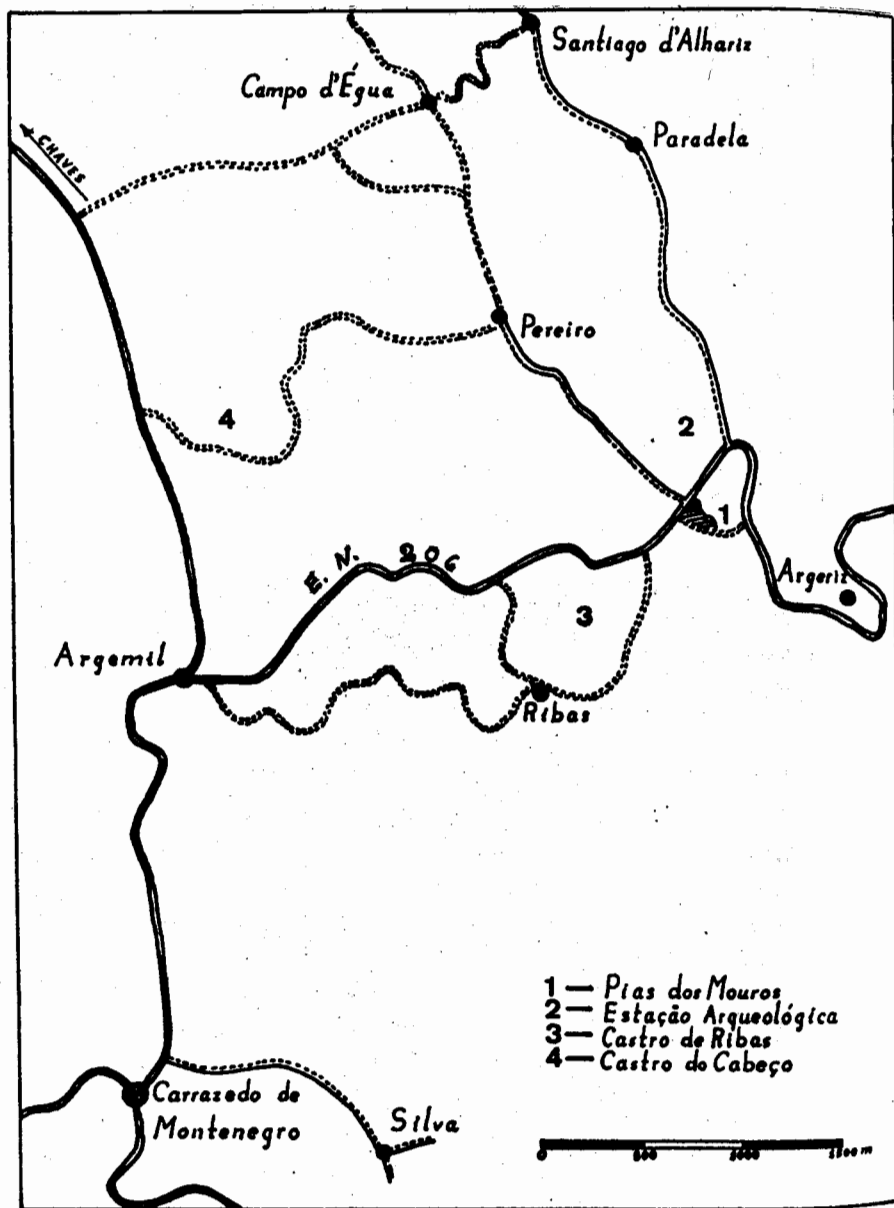


Fig. 1 — Localização das «Pias dos Mouros» relativamente à E. N. 206, entre Carrazedo Montenegro e Valpaços.

Cortado, aproximadamente, pela curva de nível dos 675 metros, este monumento encontra-se no limite das chamadas *terra fria* e *terra quente* transmontanas, voltado para a bacia de Mirandela. Foi cavado em rocha granítica mas relativamente próximo de formações metamórficas antigas as quais, no entanto, se situam, de momento, a um nível inferior. Trata-se de um granito equigranular de grão médio, de duas micas, mas com predominio da moscovite.

Devido à rocha em que foi escavado, este monumento encontra-se muito bem conservado. Felizmente que as únicas acções a que foi sujeito por curiosos ou pesquisadores de tesouros, parece terem sido a remoção de terra à sua volta; não temos conhecimento de que alguém tenha aqui encontrado qualquer objecto de interesse arqueológico, embora acreditemos que isso tenha acontecido.

A superfície actualmente a descoberto é de, aproximadamente, 54 metros quadrados, sendo a área ocupada pelo monumento propriamente dito de, apenas, uns 30 metros quadrados.

Da estrutura das *Pias dos Mouros* fazem parte, essencialmente, os seguintes elementos (Figs. 2, 3, 4, 5 e 6).

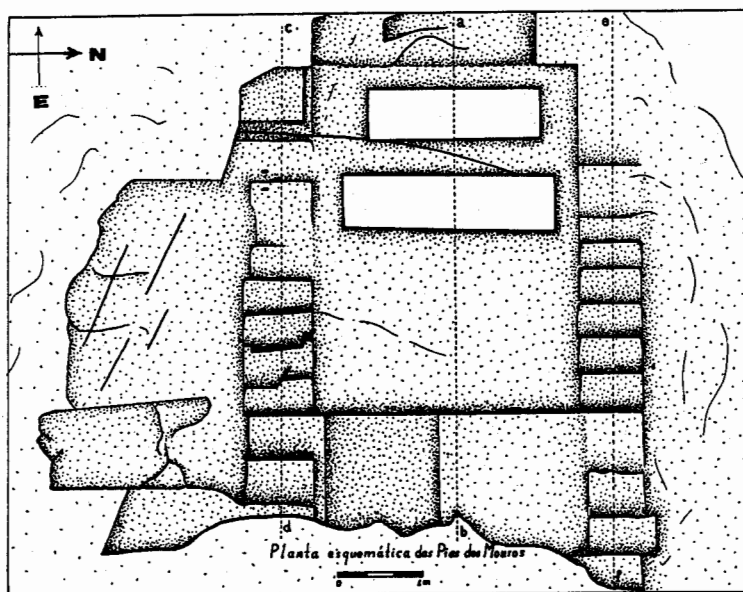


Fig. 2 — Planta esquemática das «Pias dos Mouros».

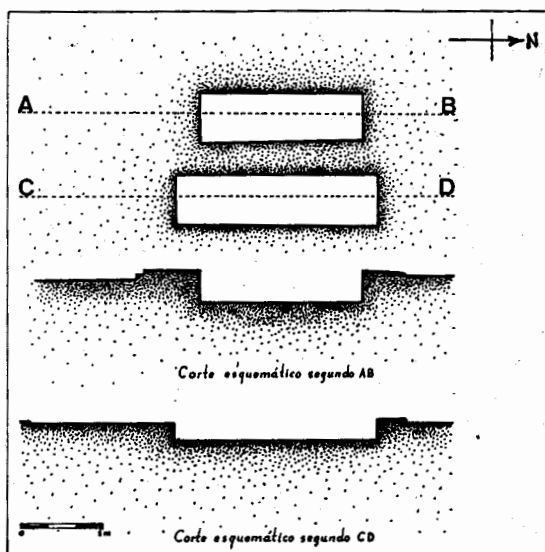


Fig. 3 — Projecção ortogonal e cortes esquemáticos das duas cavidades (pias) do santuário.

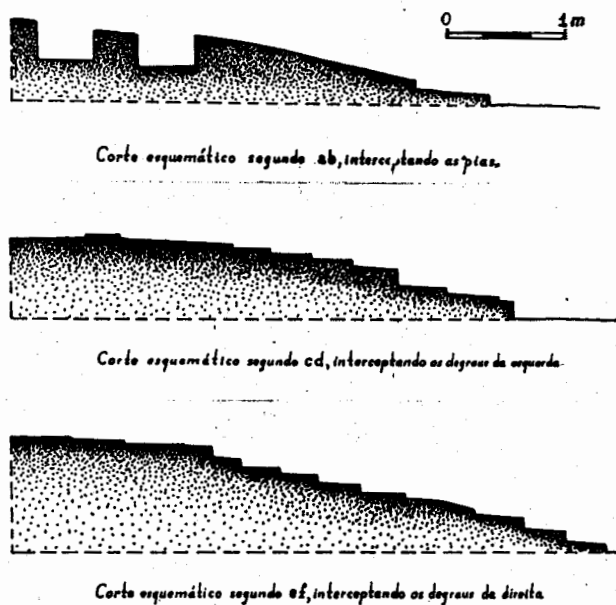


Fig. 4 — Cortes esquemáticos (direcção E-W) das cavidades e das duas séries de degraus.

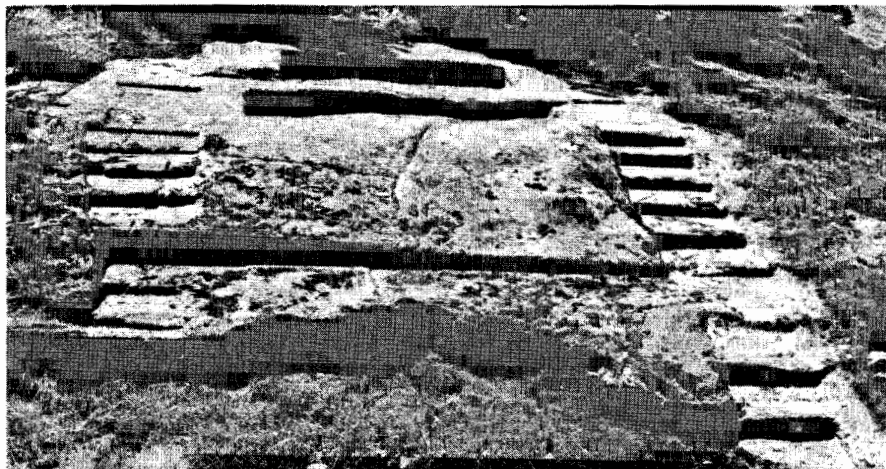


Fig. 5 — Santuário das «Pias dos Mouros» vistas de nascente para poente.

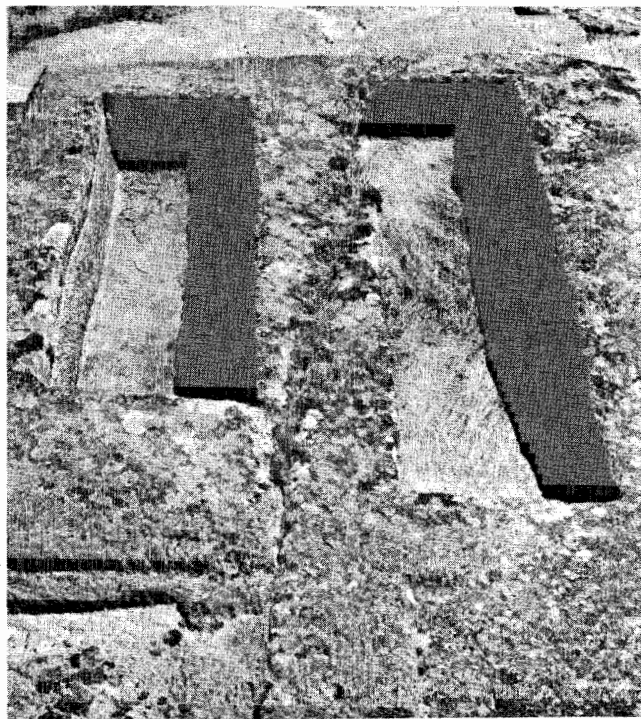


Fig. 6 — «Pias dos Mouros» vistas de sul para norte.

Pias:

São duas cavidades rectangulares, dispostas paralelamente entre si e na direcção N-S; é, sem dúvida, à presença destas estruturas que se deve a designação local deste monumento. As duas cavidades, que não são iguais salvo na forma, apresentam as seguintes medidas:

Cavidade menor:

Comprimento	2,02 metros
Largura máxima	0,60 »
Largura mínima	0,56 »
Profundidade máxima	0,40 »
Profundidade mínima	0,27 »

Cavidade Maior:

Comprimento	2,47 metros
Largura máxima	0,61
Largura mínima	0,60 »
Profundidade máxima	0,35 »
Profundidade mínima	0,16 »

Degraus:

Em número de 20 distribuem-se em duas séries paralelas, perpendicularmente às pias e, por isso, dispostas na direcção E-W. Estas duas séries distam entre si 3,10 metros.

A *série ed* (fig. 2) consta de 8 degraus de altura, comprimento e largura variáveis. No entanto, o desnível entre o primeiro e o último é de, apenas, 90 cm. As alturas dos degraus desta série variam entre 20 cm., valor máximo, e 3 cm., valor mínimo.

A *série ef* consta de 12 degraus também com comprimento, largura e altura variáveis. O desnível entre o primeiro e o último é de 94 cm. As alturas variam entre 42 cm., valor máximo, e 1 cm., valor mínimo.

A figura 4 mostra-nos cortes esquemáticas do monumento, paralelos entre si e na direcção E-W, dando-nos a conhecer o pequeno desnível da rocha granítica onde o monumento foi escavado.

Nota final

Não foi, até hoje, feita qualquer escavação neste monumento. O que dele se conhece é, apenas, aquilo que os curiosos puseram a descoberto. A Câmara de Valpaços está interessada em que essa escavação se faça e que o monumento seja convenientemente protegido.

Se alguma inscrição com a referência ao deus a que se prestava culto neste monumento foi encontrada aqui, não temos conhecimento, podendo admitir-se que ela venha um dia a ser encontrada.

Parece-me no entanto oportuno referir uma notícia publicada por Leite de Vasconcelos no Vol. II de «Religiões da Lusitânia», pág. 181, que diz:

«2. Lares *Cusicelenses.

Esta inscrição é dada por Tavora e Abreu, que diz d'ella: «Em hũa povoação que se vê arruinada junto ao lugar do Couto de Argeris se achou a pedra de que vay copiada a inscrição, a coal está hoje posta em hũa capella do mesmo logar. E como eu não fui copialla, receio que tenha alguns erros»¹.

Argeriz fica no termo de Chaves. — De Tavora e Abreu passou a inscrição para as *Memorias* de Argote e para outras obras: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2469, onde o texto é restituído dubitativamente assim: *Laribus Cusic[e]lens[i]bus Q. [Ful]vius Placidi f. [Fla]vin[us] v. s. l. m.*²; e como tal vem também em Holder, *Alt-celt. Sprachschatz*, s. v.»

L A R I B V S . C V
S I C F L E N S B V S
Q . N I V I V S . P L A C I
D I . F . E N V I N S
V . S . L . M

Outras notícias de inscrições dedicadas a «Lares», como por exemplo a encontrada junto da povoação de Celeirós da vizinha freguesia de Santiago da Ribeira d'Alhariz, encontram-se publicadas na mesma obra de Leite de Vasconcelos.

Argeriz dista menos de um quilómetro das Pias dos Mouros e a inscrição referida pode encontrar-se, ainda, numa das capelas desta povoação; esperamos verificá-lo logo que nos seja possível.

A hipótese de que esta inscrição tenha feito parte do santuário das Pias dos Mouros creio ser de considerar como muito provável.

Santuário Rupestre de Panoias

Não recordar aqui, ainda que muito sucintamente, o santuário rupestre de Panoias, cremos seria uma falta imperdoável.

Referindo-se a este monumento Leite de Vasconcelos (1) escreve que «... é um sítio ermo e bravo, que jaz na freguesia de Val de Nogueiras, concelho de Villa-Real de Trás-os-Montes, onde a religião de nossos maiores deixou vestígios valiosíssimos, porque todo o terreno abunda de rochedos de granito que a piedade antiga aproveitou para em alguns gravar inscrições, ou com intuito cultural abrir certas cavidades. Foi pois ahí um santuário, isto é, um templum, como uma das inscrições diz.

Neste templo recebia especialmente culto Serapis».

A figura 1 (2) mostra-nos, em planta, um dos fragões de Panoias, com escadas e algumas cavidades.

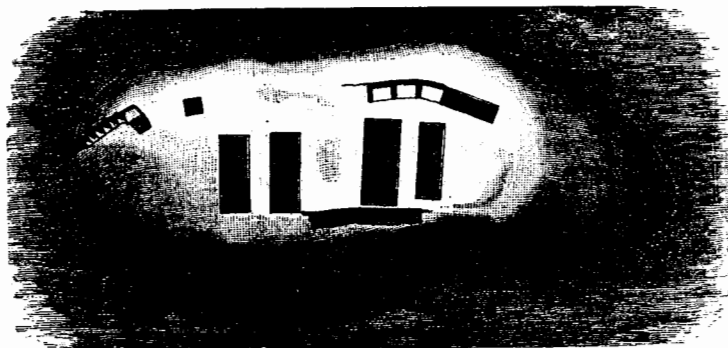


Fig. 1 — Penedo de Panoias com escadas e algumas cavidades.

(1) «Religiões da Lusitânia», Vol. III, págs. 465 e 466.

(2) «Religiões da Lusitânia», Vol. III, pág. 473, fig. 250.

Na introdução geral à obra atrás referida, Leite de Vasconcelos escreve: «...fui duas vezes ao cemitério neolítico da Serra do Alvão, e outras duas a Panoias, ao pé de Villa-Real, onde cõrei de pasmo e de vergonha deante do abandono a que está votado o templo romano, ou melhor «recanto sagrado», com as suas inscripções latinas e uma latino-grega insculpidas em rudes penedos de granito».

Há quase 100 anos que Leite de Vasconcelos visitou pela segunda vez o santuário de Panoias. Se fosse vivo e ali voltasse, hoje, «morreria» de pasmo e de vergonha ao verificar que, desde então, ainda muito pouco se fez em prol da defesa deste incomparável monumento. E, infelizmente, todos aqueles que se interessam pelo nosso rico património histórico-arqueológico continuam a corar de pasmo e de vergonha quando, do Minho ao Algarve, visitam tantos e tantos monumentos que, mesmo depois de classificados, continuam a ser sistematicamente destruídos.

Santuário do Castelo do Mau Vizinho

Introdução

Estranho monumento este que, no seu isolamento natural, num ambiente repleto de lendas e de mistérios, com as suas estranhas mas impressionantes estruturas, situado no alto de um áspero picôto, que limita a Sul um pronunciado meandro do profundo vale do Rio Mouce, como que gigantesca sentinela a impedir o acesso a qualquer mortal, nos mergulha num total alheamento da vida real para nos conduzir através de um mundo imaginário.

No cimo deste áspero picôto, quase inacessível, de xistos metamórficos que forças de há centenas de milhões de anos levantaram do fundo do mar onde se haviam depositado, sentimo-nos insignificantes perante a magnitude da obra ali realizada pelos homens. Que homens? Com que objectivo? Com que meios?

Trata-se de um monumento que nos repele e nos atrai. Repele-nos quando ali nos encontramos, procurando desvendar os seus segredos; atrai-nos quando, de longe, o nosso pensamento nos leva até lá. Desejamos estar com ele quando nos encontramos ausentes; desejamos estar longe quando nos encontramos presentes. Depois de cada visita de trabalhos, todo o grupo manifesta o propósito de nunca mais lá voltar; passado mais

um ano, todo o grupo arranja um motivo para regressar e, se possível, levar consigo mais um amigo que ainda o não conheça.

É assim este misterioso Santuário, situado em terras do Demo!

Foi seu descobridor António da Eira e Costa, que dele deu notícia na sua comunicação «O Castelo do Mau Vizinho», que apresentou no Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja realizado em Carvalhelhos de 4 a 11 de Outubro de 1972 e que foi publicado no Fasc.º 3 do Vol. XXII dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1973, págs. 345 a 351.

A primeira campanha programada de trabalhos de limpeza e esquematização deste monumento realizou-se no Verão de 1981, com a presença de J. R. dos Santos Júnior, A. M. Freitas e A. da Eira e Costa. Os resultados desta campanha foram publicados no Fasc.º 2 do Vol. XXIV dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1982, págs. 293 a 320.

A segunda campanha programada de trabalhos de limpeza e esquematização teve lugar em Setembro de 1988 e nela participou, além dos três elementos responsáveis pela campanha anterior, Norberto dos Santos Júnior. Como o tempo chuvoso não nos permitiu completar a esquematização da área principal do monumento, tornava-se necessária mais uma intervenção, que se concretizou em Setembro de 1989, estando apenas presentes A. M. Freitas e A. da E. e Costa. Por motivo de doença não esteve presente o Prof. Doutor Santos Júnior e, como é natural, Norberto dos Santos Júnior. Para esta intervenção foi-nos concedido, pela Câmara Municipal de Chaves, uma verba de 30.000\$00.

É um resumo destas intervenções, desde a sua descoberta, que procuraremos resumir neste nosso trabalho certos porém de que muito ainda se desconhece, sob o ponto de vista estrutural, neste importante santuário rupestre.

Situação

O Castelo do Mau Vizinho encontra-se situado no concelho de Chaves, de cuja cidade dista cerca de 35 km.

A partir desta cidade, o acesso faz-se através da estrada nacional 103 até à povoação da Bolidreira, nome resultante de, nas suas proximidades, se

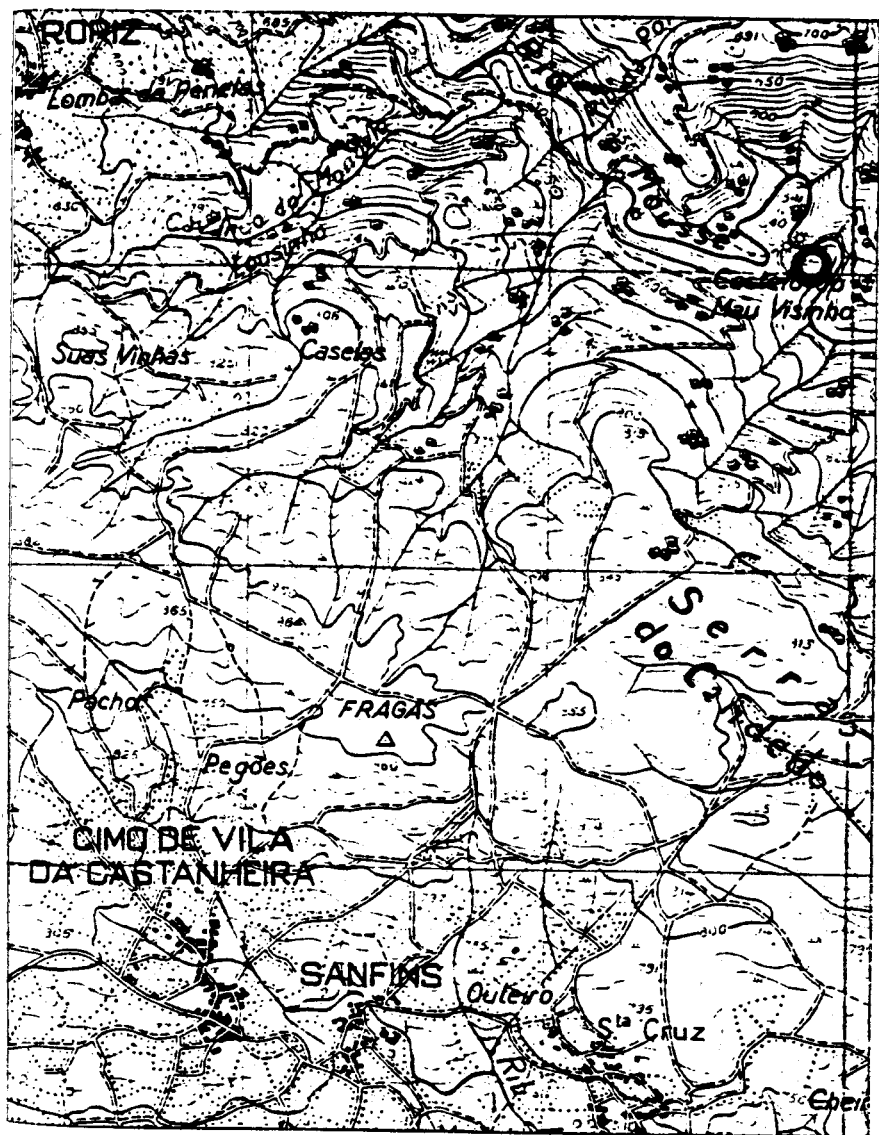


Fig. 1 — Pormenor da Carta 35 (LEBUÇÃO — Valpaços) dos Serviços Cartográficos do Exército, na escala de 1:25.000, indicando a posição do Santuário do Castelo do Mau Vizinho.

encontrar um enorme bloco de granito que «bole», isto é, balouça levemente quando sobre ele se exerce uma força determinada. Como curiosidade, informamos que esta «pedra bolideira» tem um guarda que, cuidadosamente, mantém limpo todo o espaço envolvente deste monumento geológico.

Da Bolideira, onde se atinge a cota dos 900 metros, segue-se à esquerda por uma estrada estreita mas alcatroada, através do Alto do Seixo, até à primeira bifurcação. A partir daqui, dois trajectos nos podem levar ao Castelo do Mau Vizinho:

- 1 — Seguir à direita, por Dadim, até Cimo de Vila da Castanheira (Fig. 1). À entrada desta povoação segue-se à esquerda a caminho de Roriz. No entanto, cerca de 2 km. depois de Cimo de Vila da Castanheira abandona-se a estrada para Roriz e entra-se, à direita, numa «rodeira» que faz com aquela estrada um ângulo agudo e que pode ser percorrida de automóvel numa extensão de mais uns dois quilómetros, seguindo a linha de cumeeada da Serra do Candedo a altitude que rondam os 800 metros. Os últimos 200 ou 300 metros do percurso, de carro, têm que ser feitos com muito cuidado pois o piso é irregular e o declive muito acentuado. A partir daqui, aquando da nossa primeira campanha de 1981, só a pé ou de burro. Nos últimos anos, os Serviços Florestais abriram um estradão zigzagueando a vertente NE da Serra do Candedo; no entanto e devido ao forte declive e às chuvas torrenciais, este estradão encontra-se muito degradado e não se aconselha o seu percurso de carro. Esta descida, que corresponde a um desnível de cerca de 300 metros faz-se, a pé, em cerca de 30 a 40 minutos; a subida, como é natural, demora um pouco mais.
- 2 — Este segundo trajecto (não indicado na figura), embora um pouco mais longo, é o mais aconselhado. A partir da referida bifurcação, segue-se em frente por S. Vicente, Travancas, etc., até Orjais. Junto do cemitério de Orjais, onde existe uma bifurcação, vira-se à direita. A partir daqui, com um jeep, atravessa-se uma ponte de cimento sobre o Rio Mouce e pode-se chegar a cerca de 200 metros do Castelo do Mau Vizinho, cujo picôto onde foi construído nos aparece no fundo do vale e à nossa esquerda.

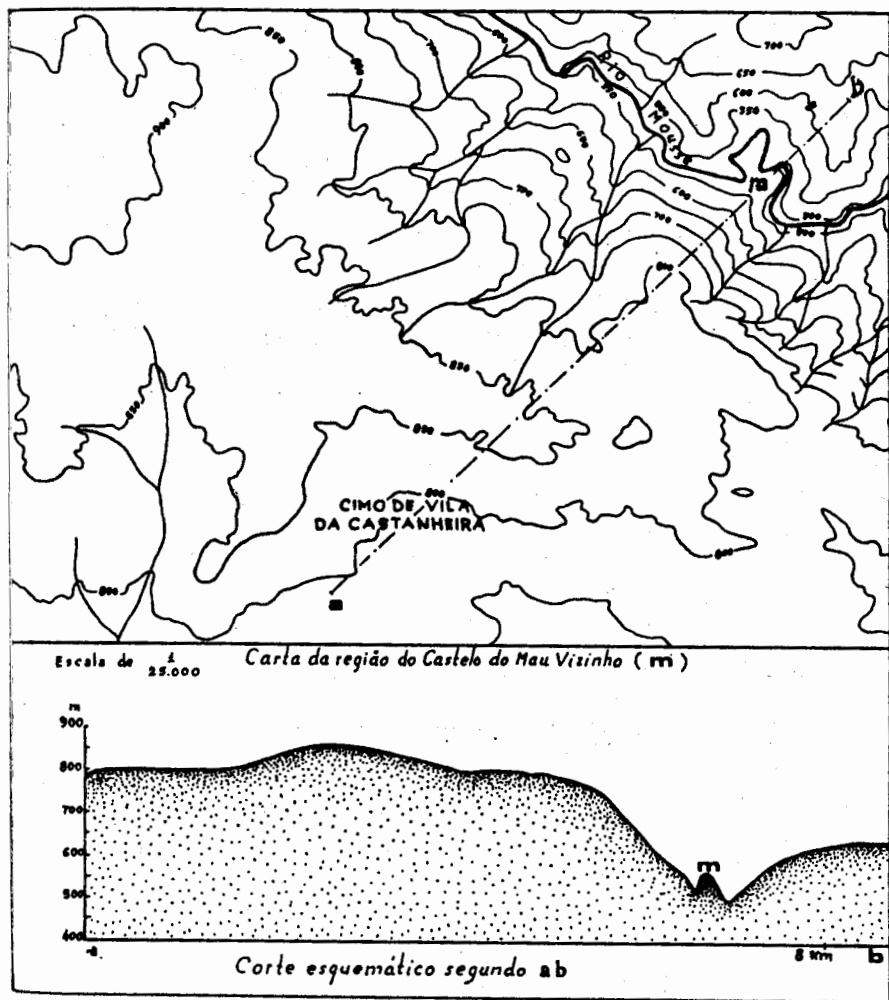


Fig. 2 — Pormenor da carta 35 (fig. 1) indicando a posição do Castelo do Mau Vizinho relativamente a Cimo de Vila da Castanheira. *ab* indica um corte esquemático na direcção SW-NE.

Não se aconselha uma deslocação ao Castelo do Mau Vizinho a qualquer pessoa que não conheça o local e, quando acompanhado, só é conveniente visitar este monumento com tempo seco; e, mesmo nestas condições, é aconselhável que se façam acompanhar de uma corda de, pelo menos, 20 metros para facilitar a descida.

É precisamente junto do Rio Mouce, num alto morro de rochas metamórficas antigas, predominantemente xistosas, que se situa o Santuário do Castelo do Mau Vizinho, cujo nome nos é explicado através das numerosas lendas que sobre ele existem.

O referido morro (Fig. 2-m), no cimo do qual se encontra a área mais significativa deste monumento é limitado a N, e E e W pelo Rio Mouce e possui vertentes abruptas a S, E e W. Para N descai irregularmente até ao rio. As rochas metamórficas (xistos) apresentam uma inclinação de quase 90°; o grau de metamorfismo aumenta nitidamente de N para S até ao contacto, quase no topo da Serra do Candedo, com os granitos hercínicos; à medida que nos aproximamos do contacto com o granito, os xistos apresentam cada vez mais desenvolvidos cristais de andaluzite.

Quando se desce a Serra do Candedo em direcção ao Rio Mouce, o morro metamórfico aparece-nos com um contorno grosseiramente triangular e, visto de frente parece inacessível. A parte mais elevada, onde se situa a área mais importante do monumento, encontra-se a 562 metros de altitude.

Principais elementos estruturais:

a) — *Rampa de Acesso ao santuário*

O acesso ao monumento faz-se pelo lado Sul, através de uma rampa de largura variável, resultante de uma fractura natural e posterior deslocamento, por acção da gravidade, dos blocos desligados. Tem um comprimento de 22 metros e uma inclinação de cerca de 60°.

O acesso a esta rampa, cujo limite inferior se encontra bastante acima do nível do solo, foi facilitado pela existência de dois «passadiços», uma espécie de pontes, cada um deles suportado por dois grossos troncos de árvores. Naturalmente que dos quatro troncos já não há vestígios mas os apoios, cavados na rocha da rampa, numa saliência rochosa do próprio picoto e num bloco isolado que dele se deslocou são de tal modo elucidativos que, sobre a sua existência, não restam quaisquer dúvidas; pode-se mesmo determinar a sua largura nas extremidades.

No esquema da Fig. 3 tentámos fazer uma reconstituição aproximada da posição das «traves» suportes das duas estruturas, que facilitavam o acesso quase até meio da referida rampa.

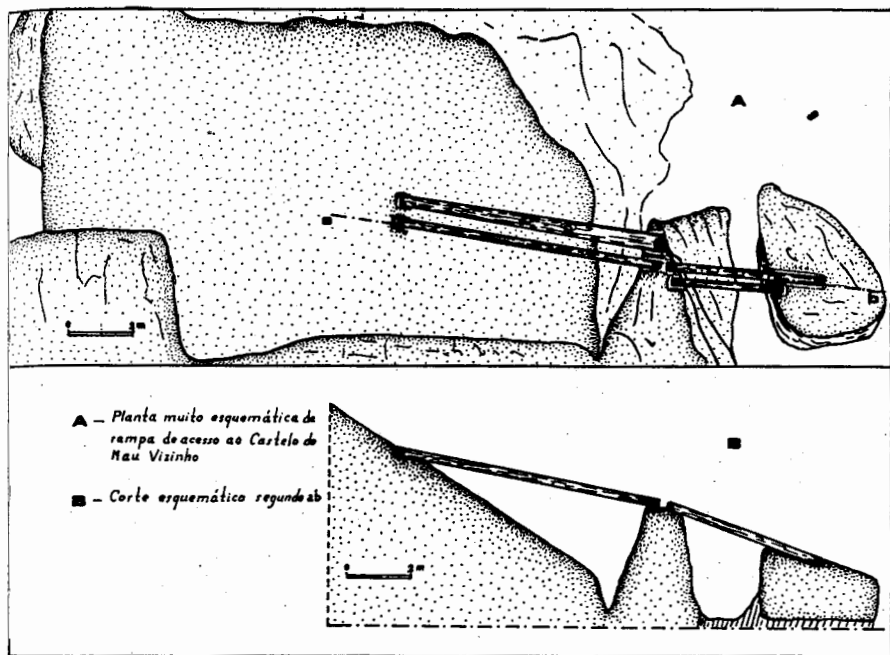


Fig. 3 — Planta muito esquemática da «rampa de acesso» e corte da mesma segundo *ab*, com a indicação da posição dos suportes dos dois «passadiços».

Embora nenhum dado tenhamos a apoiá-las, formulámos duas hipóteses sobre o tipo de pavimento que estaria suportado pelas quatro «traves».

1.^a hipótese:

— O pavimento seria formado por caules de plantas mais delgados que os suportes, ligados entre si; também estariam ligados aos suportes, a fim de não se deslocarem facilmente, tanto mais que estes «passadiços» não eram horizontais. Uma estrutura desta natureza teria a vantagem de não ser demasiado pesada, apresentar uma certa flexibilidade e o material, além de abundante em volta do monumento, ser fácil de transportar.

2.^a hipótese:

— O pavimento seria formado por delgadas placas de xisto, abundantes na vizinhança ou de fácil obtenção, dada a xistosidade relativa-

mente fácil da rocha predominante. Este tipo de pavimento, além de mais pesado, quer para os suportes, quer para o transporte, seria mais difícil de fixar aos suportes e menos durável, pelo facto de ser mais rígido e quebradiço.

O primeiro «passadiço» é o mais curto. Estabelece a ligação entre o bloco rochoso isolado e a saliência rochosa. Os apoios desta saliência encontram-se cerca de 1,5 metros acima dos apoios do bloco isolado; por tal facto, este primeiro «passadiço» constitui uma rampa com relativa inclinação, visto que as distâncias máxima e mínima entre os apoios nas duas rochas são, respectivamente, de 3 e 2,8 metros; talvez fosse formado por um conjunto de degraus.

O segundo «passadiço» era um pouco mais comprido. Os apoios distam (na rampa e na saliência rochosa, respectivamente) cerca de 7,90 metros e têm as seguintes medidas:

Na rampa — 25 cm. de comprimento e 22 cm. de largura, um; 30 cm. de comprimento e 23 cm. de largura, o outro.

Na saliência rochosa — 50 cm. de comprimento e 20 cm. de largura, um; 55 cm. de comprimento e 50 de largura, o outro.

Estas diferentes larguras dos apoios devem estar relacionadas com as espessuras diferentes (basal, de maior diâmetro e superior, de diâmetro menor), dos troncos das árvores utilizadas. Ao contrário do que acontecia com o primeiro «passadiço», este seria quase horizontal. A parte da rampa que se segue a este «passadiço» é, ainda, muito extensa e a subida muito difícil e perigosa, principalmente com tempo húmido; do lado direito (quem sobe) a rampa termina num precipício com muitos metros de altura e cheio de saliências rochosas pontiagudas.

No decorrer de todos os nossos trabalhos utilizámos, como medida de segurança e para facilitar a subida e, principalmente, a descida, uma forte corda de nylon com cerca de 40 metros de comprimento.

Na rampa de acesso, além das duas cavidades para apoio dos dois suportes do «passadiço» encontrámos pequenas áreas picadas e aplanadas em forma de degraus e pequenas cavidades com uma superfície de apoio horizontal, em número de 75. A única interpretação que nos parece correcta é a de que estas estruturas, embora muito simples e sem qualquer ordenamento espacial, se destinavam a facilitar a subida e a descida.

Quase no topo da rampa e do lado direito, numa pequena área pouco inclinada, encontrámos uma cavidade circular com longa goteira (Fig. 4). Mede 20 cm. de diâmetro e 5 cm. de profundidade. Quase a meio da goteira, que mede 1,13 metros de comprimento, existe um ressalto de 17 cm., coincidente com uma fractura da rocha. A largura da goteira varia entre 13 cm. junto da cavidade e 10 cm. na extremidade oposta; qualquer líquido que por ela corresse vertia directamente no precipício.

b) — *Recinto principal*

Constitui a estrutura mais importante do santuário e ocupa uma plataforma superior do referido morro xistoso (Fig. 5). Está parcialmente limitada por uma espécie de muralha formada por dois troços, com um comprimento total de 13,32 metros.

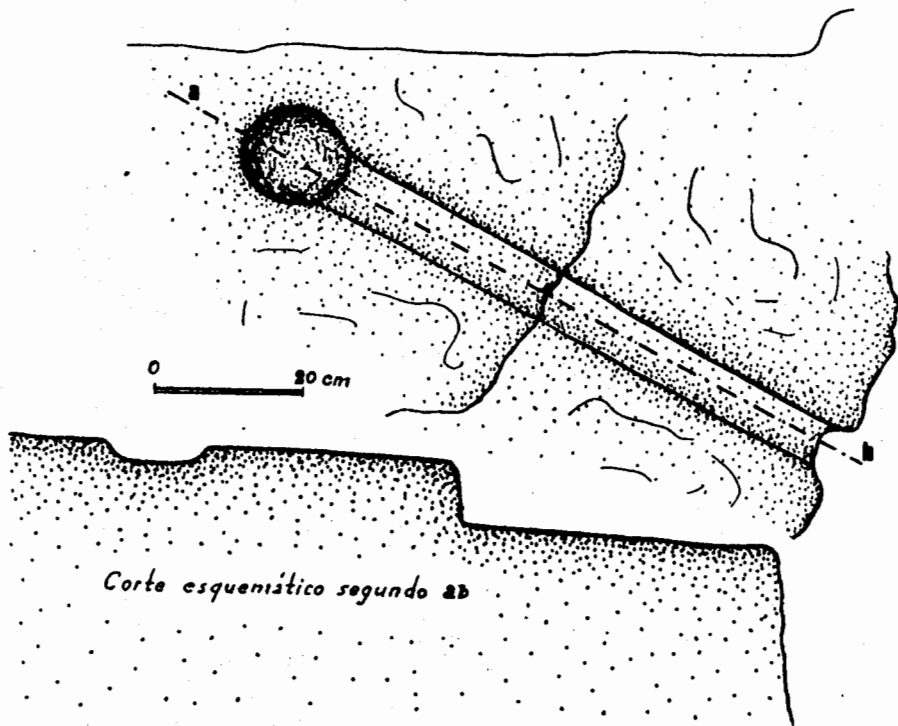


Fig. 4 — Planta da cavidade circular e goteira, situada no cimo e à direita da rampa de acesso.

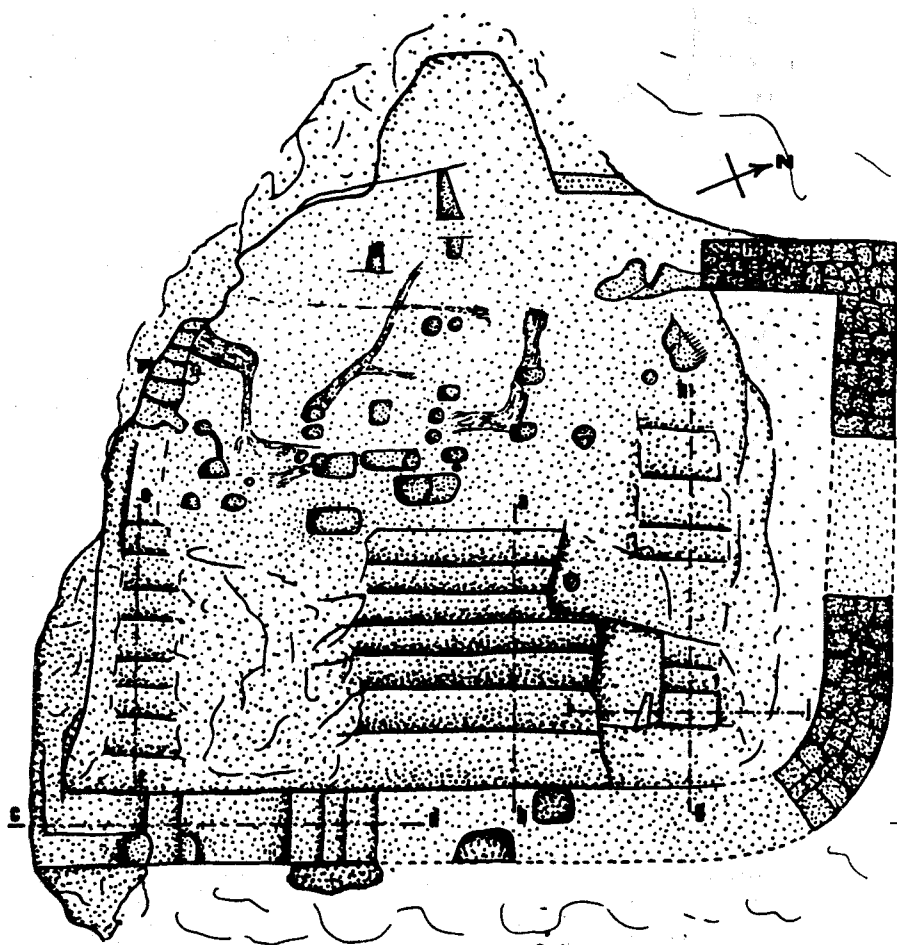


Fig. 5 — Planta esquemática do topo cimeiro do santuário, indicando a posição do muro envolvente, dos degraus e de algumas cavidades e sulcos.

A área deste recinto é de, aproximadamente, 184 metros quadrados. Nela podemos considerar duas subáreas: a mais elevada, que foi intensionalmente picada e aplanada, com numerosas cavidades e sulcos que entre elas comunicam e outra, voltada para nascente, mais ou menos inclinada e irregular onde, além de uma série de 8 degraus, existem mais duas séries de aplanações cuja função pode ter sido, também, a de subir e descer para e da área superior. A escadaria principal, formada pelos oito degraus,

é monumental: estes têm mais de 2 metros de comprimento, largura variável e uma altura que varia entre um mínimo de 16 cm. e um máximo de 50 cm.

As outras aplanações (na sua maior parte com uma certa inclinação para nascente) constituem como que mais duas séries de degraus e situam-se à esquerda e à direita, paralelamente à escadaria principal.

Os principais elementos estruturais deste recinto central são, pois, os seguintes:

Cavidades: Contámos um total de 46 (circulares, ovais, subrectangulares e rectangulares). Muitas destas cavidades comunicam entre si por sulcos de largura variável e, em geral, pouco profundos (Fig. 6).

Para as cavidades circulares, o diâmetro varia entre os 8 e os 22 cm. Das rectangulares, uma mede 51 cm. de comprimento. Quanto às profundidades e considerando todos os tipos, elas variam entre 2,5 e 18 cm.

Para a execução do trabalho de esquematização começámos por montar, com fios de nylon convenientemente visíveis, um reticulado com 1 metro de lado. No entanto, a área considerável ocupada por este recinto cen-

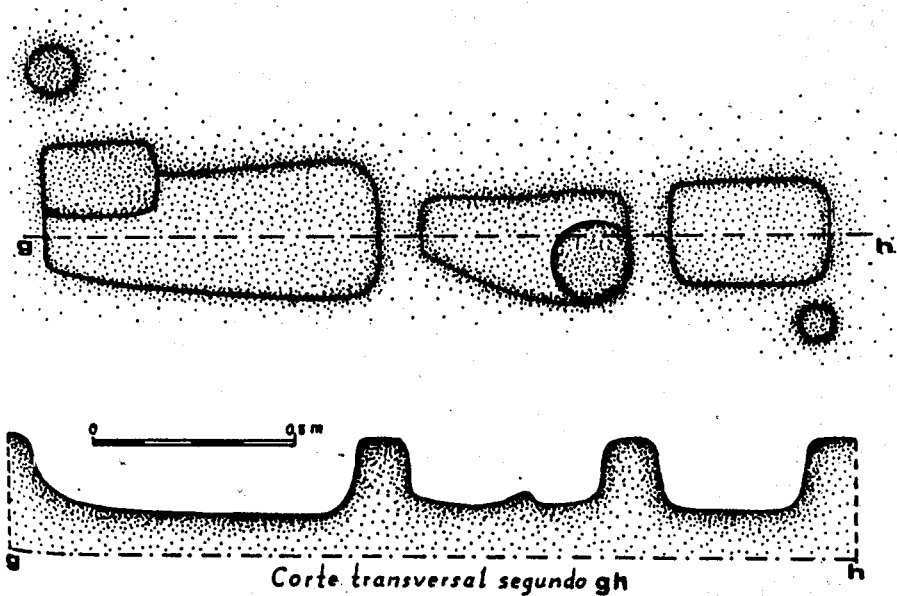


Fig. 6 — Posição relativa de algumas das cavidades de maiores dimensões do recinto central do santuário.

tral (cerca de 184 m²) e a irregularidade que nalgumas zonas manifesta, são factores que muito dificultam uma esquematização minuciosa, completa e correcta. Procurámos pois, e de acordo com o pouco tempo disponível, registar os elementos mais significativos desta parte do santuário. Reconhecemos que a esquematização não está completa e que talvez existam, mesmo, alguns erros de medição.

Não é possível, também, obter-se uma fotografia, de conjunto, deste recinto.

Seria de grande interesse, após uma conveniente limpeza de todo este recinto e de uma preparação bicromática, a obtenção de uma fotografia aérea.

Os cortes esquemáticos *ab*, *cd*, *ef*, *gh* e *ij* deste recinto, põem em evidência algumas das estruturas que nele se encontram, principalmente os degraus. Destes, *ab* refere-se à monumental escadaria formada por oito degraus e que constituíam sem qualquer dúvida, o acesso principal à parte superior do monumento; se o muro limitava, a nascente, todo este recinto, então temos que admitir que, frente a esta escadaria, existisse uma porta no mesmo (Fig. 7 e 8).

ef, *gh* e *ij*, cremos não se destinassem a dar acesso, do exterior, à parte superior do monumento; eles estariam relacionados, antes, com uma certa circulação interior e com atitudes culturais. Notar que os cortes *gh* e *ij* interceptam, no nível mais baixo, uma cavidade rectangular com 1,03 metros de comprimento, 69 centímetros de largura e 12 centímetros de altura. Parece, pois, que a finalidade destas espécies de degraus seria a de facilitar o acesso a esta cavidade com qualquer finalidade cultural.

O corte esquemático segundo *cd* mostra-nos uma série de degraus com alturas e larguras variáveis, também cavados na rocha, apresentando alguns deles cavidades e sulcos largos e profundos. Pela sua posição e características toda esta área picada e aplanada a níveis diferentes, pressupõe ter sido destinada a dar continuidade ao muro envolvente do santuário. Para que serviriam, então, as cavidades e os sulcos mais ou menos largos e profundos que se encontram, principalmente, na sua extremidade, junto ao precipício (uns longitudinais e outros transversais)? Pensámos que os mesmos se destinariam a encaixar suportes de madeira (troncos) que fariam parte de uma estrutura mais ou menos complexa mas engenhosamente concebida de elevação, até ao topo, das enormes pedras (principalmente de granito) que se encontram a fazer parte da muralha envolvente. Existiria assim, pensámos, uma espécie de «guindaste» com o qual seriam elevadas todas as pedras de grandes dimensões; depois de elevada toda a pedra

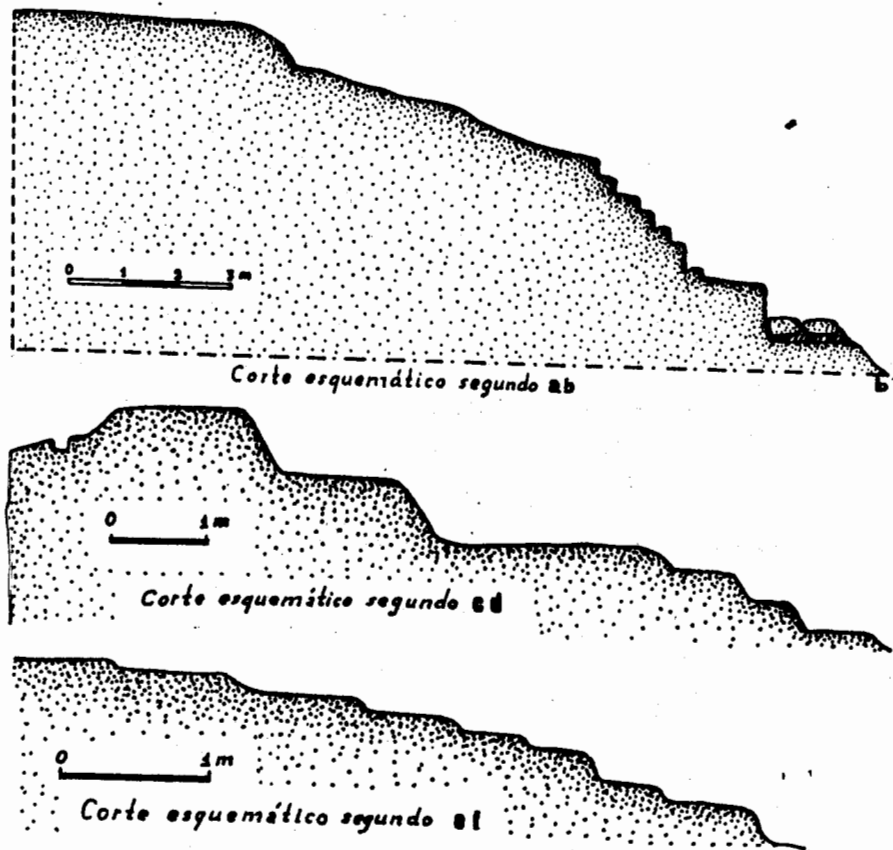


Fig. 7 — Cortes esquemáticos (fig. 5) segundo *ab*, *cd* e *ef*.

necessária este «engenho» seria destruído para, no seu lugar, se dar continuidade ao muro que, por qualquer razão, não se concluiu.

Ao lado esquerdo da área superior aplanada do santuário (Fig. 5-P) existe mais uma série de degraus, que descem para NW, isto é, para um precipício com mais de 30 metros de altura e de paredes irregulares mas quase verticais. Não se destinavam, necessariamente, a dar acesso ao santuário, pois ninguém entraria ali através desta inacessível escarpa. Estariam destinados a fornecerem os últimos apoios sólidos de condenados que fossem obrigados a descê-los?

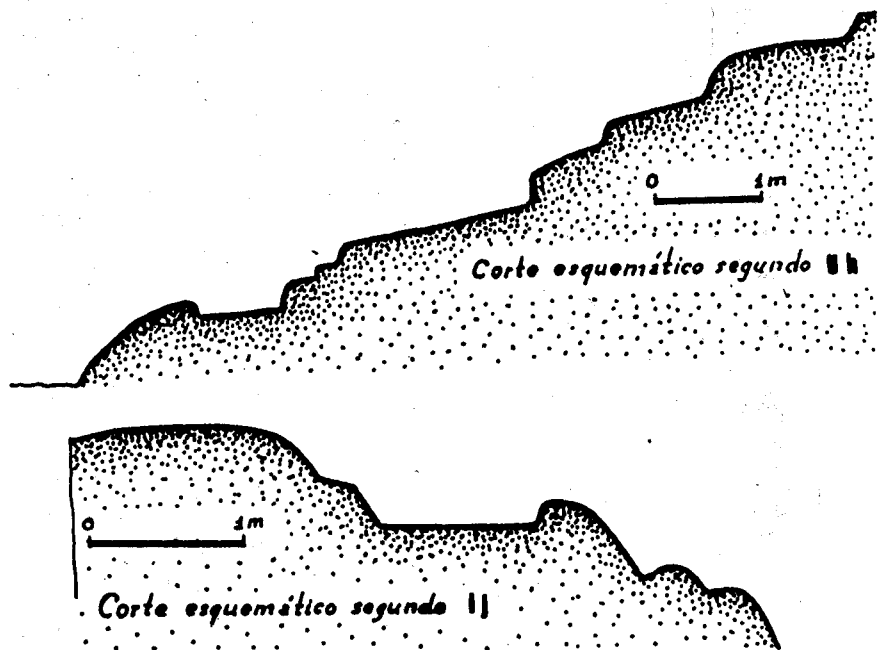


Fig. 8 — Cortes esquemáticos (fig. 5) segundo *gh* e *ij*.

c) — *Muro limitante do recinto central*

Este muro (Fig. 9), conforme os esquemas documentam, limita parcialmente aquele recinto e consta de dois troços totalizando um comprimento de 13,32 metros. Um dos troços, formado por duas partes dispostas em ângulo recto, dista do outro 3,20 metros. Da sua observação, admitimos que estes dois troços tenham estado ligados e que ele se continuaria para S limitando, a nascente, todo o santuário. Alguns dados de observação local levantaram-nos, no entanto, alguns problemas quanto à aceitação desta hipótese:

- não encontrámos, no espaço envolvente da muralha existente, restos da sua destruição como, por exemplo, fragmentos de xisto e granito unidos com argamassa;
- a nascente apenas encontrámos, na base e em frente da escadaria principal, alguns fragmentos de granito e xisto ligados com arga-

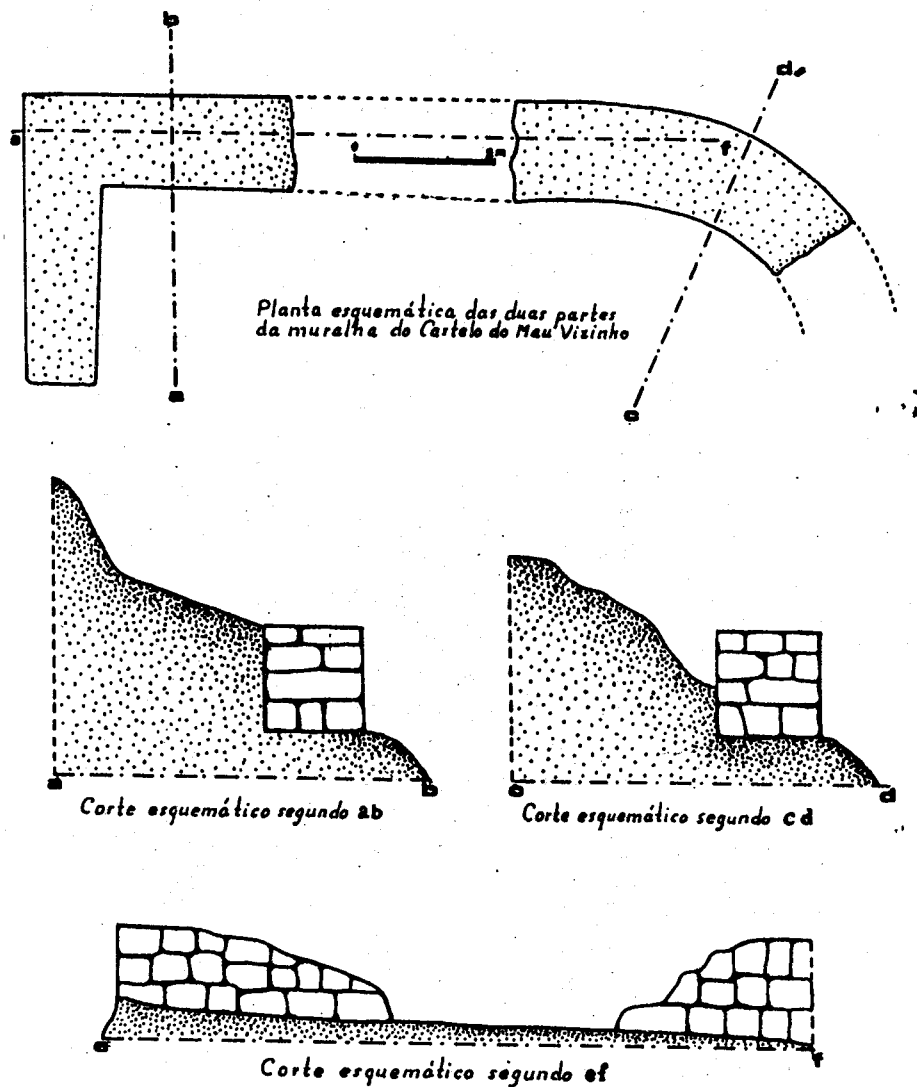


Fig. 9 — Esquema dos dois troços da muralha envolvente do recinto central e respectivos cortes segundo *ab* e *cd*.

massa. Toda a área restante até ao precipício, limpa toda a terra, não nos forneceu o mínimo de vestígio de qualquer destes materiais;

- a N do buraco existente entre os dois troços da muralha e a seguir a uma estreita plataforma há um desnível de paredes quase verticais de muitos metros de altura. Porquê a destruição da muralha neste ponto, quando a remoção do material era tão difícil?

Um dos factos que mais nos surpreendeu, quando examinámos a constituição litológica desta muralha foi a presença de, além de xistos, como aliás seria de esperar, blocos de quartzo, quartzito e granito. Destes, alguns apresentam-se mais ou menos rolados e com grandes dimensões. Ora, enquanto que o xisto e o quartzito é o material que abunda no local, o facto de se encontrar rolado implica que ele foi sujeito a um transporte mais ou menos longo e posteriormente depositado no leito de um rio, possivelmente do rio Mouce e, daqui, recolhido e transportado até ao alto do picôto. Em conclusão, todo o material que faz parte deste muro e que se apresenta rolado, não foi retirado do picôto e das vizinhanças do santuário.

Quanto ao granito, convém referir que o afloramento mais próximo se encontra lá no alto da Serra do Candedo, a cerca de 2 Km. de distância; cremos, também, que os blocos rolados de granito tenham sido recolhidos do leito do rio Mouce e, de facto, existe um depósito abundante deste material a montante e a algumas centenas de metros apenas. Um dos blocos de granito de forma paralelepípedica, existente na muralha, possui as seguintes dimensões: 1 m. de comprimento, 50 cm. de largura e 35 cm. de altura. Como transportar até à base do monumento, primeiro, e até ao topo do morro, depois, pedras com estas dimensões?

Todo este material está ligado por argamassa de cor esbranquiçada. A nosso pedido foi feita pelo Doutor Celso Gomes, Professor da área das Geociências da Universidade de Aveiro, uma análise para a determinação da sua composição. Os dados obtidos foram os seguintes:

«Material composto por fragmentos de rocha (quartzito e xisto) e grãos minerais (quartzo, feldspatos e micas) dispersos numa matriz argilosa (escassa) e carbonatada (calcite)».

Por este contributo no estudo dos materiais do Castelo do Mau Vizinho, expressamos ao Ex.mo Senhor Prof. Doutor Celso Gomes os nossos sinceros agradecimentos.

Desta análise surge o seguinte problema: *qual a origem do material carbonatado (calcite) presente na matriz da argamassa?*

Não existem rochas carbonatadas na região; os calcários mais próximos encontram-se em Campanhó (Marão) e em Vimioso (Bragança). De qualquer destas fontes, a distância a percorrer é, necessariamente, muito grande.

d) — *Outras estruturas*

Fora do recinto central, são de salientar as numerosas cavidades e outras estruturas escavadas na rocha xistosa.

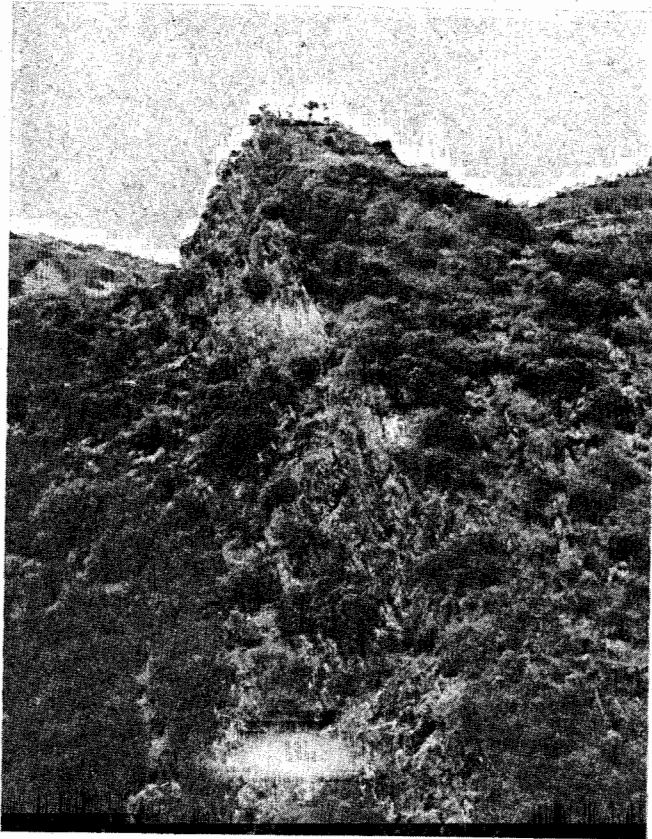


Fig. 10 — Picôto xistoso, no topo do qual se situa o recinto central do santuário (visto de E).

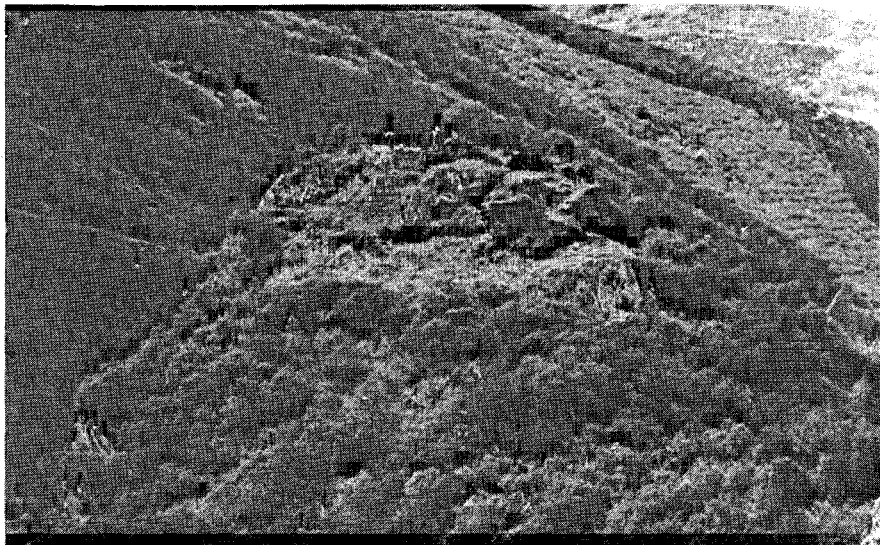


Fig. 11 — O «recinto central» do santuário, visto de E. Fotografia tirada de uns 500 metros de distância com teleobjectiva de 135 mm.



Fig. 12 — Superfície aplanada do recinto central e reticulado de 1 metro de lado para facilitar a esquematização. Na fotografia, Norberto dos Santos Júnior.

A NW da área mais elevada do santuário, por exemplo, existem umas doze cavidades abertas na superfície inclinada de um xisto que, pela sua estrutura e disposição, se destinavam a facilitar a subida. De notar que, a esta rocha, vai dar uma aplanação (espécie de passeio) cavada na rocha e que acompanha, externamente, o muro que já descrevemos.

Do alto do morro onde se situa o santuário propriamente dito, a superfície do terreno descai irregularmente para N, até ao rio Mouce. Estas irregularidades resultaram de um processo de erosão diferencial nas camadas xistosas de diferente composição. Devido a isto, surgem de onde a onde saliências rochosas de xistos metamórficos, nalguns casos relativamente próximos uns dos outros e com orientação geral E-W, aproximadamente.



Fig. 13 — Conjunto de degraus, escavados na rocha xistosa, que formam a escadaria principal, voltada para nascente.



Fig. 14 — Um dos troços do muro envolvente do recinto central. Na fotografia, Norberto dos Santos Júnior.

Nas superfícies inclinadas e no topo destas saliências, podem observar-se numerosas cavidades e áreas picadas e rebaixadas. Algumas destas estruturas, principalmente as do topo, parece serem apoios de «traves» que suportariam coberturas de abrigos (casas?). A ser verdade esta hipótese, podemos admitir que, fora do recinto central haveria uma ocupação: temporária ou permanente?

Nesta mesma vertente N do morro central encontrámos, em duas saliências xistosas muito próximas uma da outra, duas estruturas possivelmente relacionadas e que muito nos surpreenderam: *Uma*, situada a cerca de 1,5 metros do solo, tem a forma de um nicho, de base plana e parece ter sido destinada a suportar uma figura (antropomórfica?, zoomórfica?) destinada ao culto; a *outra*, é um furo feito na rocha ao lado que, como foi praticado numa superfície plana do xisto apresenta, no seu conjunto, uma forma curva. Por ele pode passar uma corda de razoável espessura e, por isso, muito resistente; pensamos que, este furo, se destinaria a prender qualquer animal.

Embora esta nossa interpretação nos pareça a mais provável, não é de excluir a hipótese de que, a primeira destas estruturas, servisse para apoiar uma «trave» de suporte da cobertura de uma casa. E, se a sua função fosse de facto essa, então essa casa poderia muito bem ser um estábulo e o furo existente na outra pedra destinar-se-ia a prender o animal ou animais que aí se encontravam.

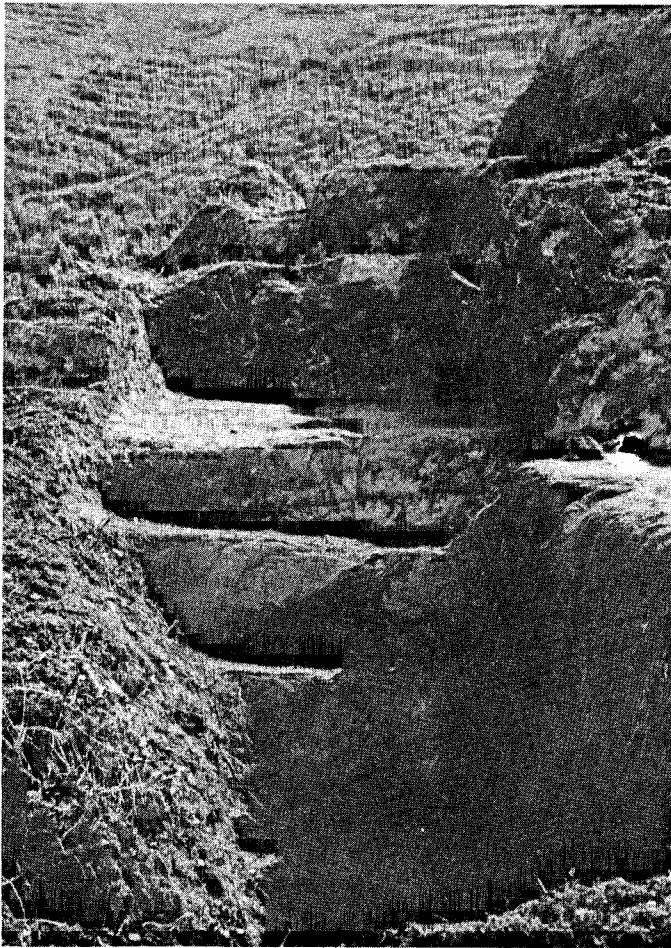


Fig. 15 — Espécie de degraus cavados na rocha xistosa e com orientação S-N. Limitam a E o recinto central e destinavam-se, possivelmente a assentar o muro envolvente.

Espólio

Dadas as características do monumento e a sua situação, não esperávamos encontrar espólio abundante. A terra que, ao longo dos anos, se foi depositando na parte superior do monumento, formava uma camada pouco espessa como resultado da deposição de pequenas partículas transportadas pelo vento e da própria desagregação da rocha devido, principalmente, à acção das plantas que ali se desenvolveram.

Na terra das cavidades de variadas formas e dimensões, que foi passada a crivo, recolhemos o seguinte material:

- 93 pequenos fragmentos de cerâmica que, pela sua cor e espessura, se reconhece terem pertencido a diversos vasos.
- Um cossoiro de barro.
- Numerosos fragmentos de telha de caleira, de cor avermelhada e esbranquiçada.
- Uma grande quantidade de calhaus rolados, geralmente de pequenas dimensões. A sua forma global depende, naturalmente, da sua natureza litológica; os de natureza granítica, quartzítica e quartzosa são mais ou menos esféricos, enquanto que os de natureza xistosa formam lascas de pequena espessura.
- Numerosos ossos que cremos serem relativamente recentes e terem pertencido a pequenos mamíferos para ali transportados pelas aves de rapina.

Lendas

«...o povo tem considerado aquele monte escarpado e agreste como morada dos mouros.

Este singular e admirável monumento, como um grande número de castros, para não dizer em quase todos, tinha que ser tema de lendas, que de pais a filhos têm sido contadas e recontadas, e que os habitantes da região geralmente começam assim:

— Dizia meu avô, que Deus haja, que os antigos contavam... E segue-se o conto da lenda.

Vejamos algumas das lendas referidas ao Mau Vizinho que consegui recolher».

1 — Lenda da alta torre

Justino Rodrigues, rapaz de Orjais, de 14 anos, que guardava as vacas a pastar no lameiro da borda do rio Mouce que rodeia o sopé do monte do Mau-Vizinho, contou que o Castelo do Mau Vizinho dantes era muito mais alto do que é agora. Tinha no cimo uma torre tão alta que se via de Orjais, aldeia que fica por trás dum lombo que corre a nordeste do Mau Vizinho.

2 — Lenda do bezerro de Ouro

Ouvi em Cimo de Vila o Sr. José Manuel Alves Sarmiento, filho do Dr. Sarmiento, que morreu juiz na Índia, e, ao mesmo tempo, a Sr.^a Belmira dos Anjos Gonçalves. Os dois «una vocem» contaram ser corrente no povo, não só da aldeia de Cimo de Vila, mas também no de outras aldeias à roda do Castelo do Mau Vizinho, a crença de lá existir um encanto, que é, nada mais nada menos, um *bezerro de ouro maciço*.

Conta-se que um ambicioso português, ansioso por deitar as unhas ao bezerro de ouro, contratou um galego para ir com ele quebrar o encanto, com a condição expressa de não se falar em Deus.

Com o livro de S. Cipriano fizeram as rezas obrigatórias.

Em dada altura surgiu o bezerro, tão alentado que o galego não conteve o seu espanto admirativo, e disse: Jesus...!

Foi o bastante para que o bezerro rebentasse em carvões.

3 — Modalidade da mesma lenda do bezerro de ouro

Um português cubiçoso do tesouro encantado em forma de bezerro de ouro, combinou com um padre, armado de estola e munidos de uma panela com unguento humano, irem quebrar o encanto.

Lá foram com o indispensável e famoso livro de S. Cipriano.

Feita a leitura do texto apropriado ao caso «surgiu o bezerro guiado pelo inimigo».

A atarantação foi tão grande, tanto do padre leitor como do adjunto português cubiçoso, que se entornou a panela e o unguento foi escaldar o padre em vez de escaldar o inimigo.

A um «valha-nos Deus» o bezerro e o diabo que o guiava desapareceram num ápice.

4 — Lenda do grande cavalo

No castelo do Mau Vizinho vivia um mouro que tinha um grande cavalo, montado no qual ia às feiras das redondezas.

Lá estão as pegadas do cavalo marcadas na pedra da rampa por onde, com alguma dificuldade, se sobe até ao alto.

As tais pegadas são depressões em forma de patadas de cavalo, escavadas na rocha xistosa.

Algumas com o topo arredondado, de 3 a 4 cm. de alto ou um pouco mais, medem 25 a 30 cm. de largura e, ao meio aplanado, uns 25 a 30 cm. de comprimento.

5 — Lenda da grande cobra a guardar o encanto

A Sr.^a Josefa Gigante, cujo pai foi tamanqueiro em Orjais, diz que os seus avós e os velhos de Orjais contavam ter visto muitas vezes uma grande cobra de enorme cabeça sair do rio Mouce que circunda o picôto do Mau Vizinho.

Viam-na subir e passear (sic) pelo Castelo do Mau Vizinho.

Mas quando alguém subia ao Castelo ela prontamente se afastava. Num pincho, atirava-se do alto e vinha enfiar-se na ola do rio que há acima da *praseira*, paredão que atravessa o rio para ele represar.

A tal cobra era a guarda do encanto.

Quando aparecer alguém que, em vez de escorraçar a cobra ou fugir dela assustado, tiver a coragem de ficar quêdo e de se deixar beijar pela cobra, esta transformar-se-á, acto contínuo, em pessoa humana. Deste modo se quebra o encanto e o corajoso receberá o tesouro que o fará muito rico.

A existência de lendas similares em muitos dos nossos castros é bem conhecida.

Geralmente, tanto quanto nos é dado saber, em alguns castros repete-se a lenda do bezerro de ouro, como também a da cobra, sempre grande e muitas vezes com grande cabeleira.

No entanto, quase sempre a cada castro atribui-se uma e às vezes duas lendas, sendo a secundária frequentemente a espantosa transformação de ouro maciço em carvões.

Note-se porém que, quanto ao Castelo do Mau Vizinho se apuraram, até agora, várias lendas.

A do *bezerro de ouro* muito frequente noutros castros, que nos foi contada em duas modalidades.

A da *grande cobra* que também tem sido atribuída a alguns castros, aqui com a singularidade do grande pincho de cerca de 80 m. do alto para a ôla do rio Mouce.

A *lenda do grande cavalo* que deixou marcas das grandes patadas escavadas na rampa xistosa da subida para o alto, deve ser rara no âmbito castrejo transmontano, pois nunca a ouvi atribuir a qualquer dos bastantes castros de Trás-os-Montes que tenho procurado estudar.

A da *altíssima torre* que se erguia no topo do cabeço do Mau Vizinho não me recorda de a ter visto citada nos trabalhos dos castros do norte de Portugal, a não ser a torre do Castro de Sabrosa, que não é lenda, pois que ainda tem grande parte da base.

Pode admitir-se que esta multiplicidade de lendas seja reflexo da profunda impressão causada por aquele singular monumento implantado no escasso topo do alto e pedregoso monte do Castelo do Mau Vizinho.

É possível a existência de outras lendas, ou melhor, hipotéticas explicações das pias cavadas na rocha do terreiro cimeiro.

O certo é que das pessoas inquiridas poucas tinham conhecimento directo das pias e nenhuma deu parecer do significado delas e para que serviriam.

6 — Lenda do cavalo branco montado por Santiago de Compostela

Na campanha de Julho de 1988, em encontro furtivo com o lavrador de Orjais, Sr. Jerónimo dos Santos recolhi, numa conversa de poucos minutos, a seguinte informação (J. R. dos S. Junior):

— contava sua avó, falecida há 15 anos com a propecta idade de 94 anos, que foi Santiago de Compostela, «montado num cavalo branco muito corredor», que escorraçou os mouros do Castelo do Mau Vizinho; que um mouro daquele castelo berrara a Santiago «que não fugisse tanto». Ao ouvir tal remoque, o santo deu um forte puxão ao freio; o cavalo, empinado, foi bater com as patas dianteiras a meia ladeira da rampa que dá subida para o alto do picôto.

Ali ficaram marcadas as patas do grande cavalo que se pode considerar, além de grande corredor também um grande saltador, pois que as «marcas das patas» estão a, pelo menos, 6 a 7 metros acima da base do rochedo.

«Conta o povo que o Castelo do Mau Vizinho é património do Pecado. E, aqui, o Pecado é sinónimo equivalente a Diabo.

Portanto, o Castelo do Mau Vizinho é Castelo do Diabo».

António da Eira e Costa, «O Castelo do Mau Vizinho» (o que nos diz a lenda), Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja em Carvalhelhos, Outubro de 1972.

E segue-se o relato (A. da Eira e Costa), dizendo que o Pecado sobe a cavalo no seu cavalo pelo fragão escorregadio e difícil, na vertente leste, onde se vêem as marcas agigantadas das ferraduras bem marcadas na rocha. E é por essas pegadas que nós conseguimos subir, mas não sem custo.

Tão difícil é o acesso, que pessoas há que não conseguem passar.

Seguidamente, o Demo dá de comer à sua montada nas piazinhas da plataforma do monumento. Depois, desce pela vertente norte, a caminho do reino infernal, lá para as profundidades da terra. A porta de entrada é o Poço de Baldar, lá no fundão, a nordeste do colossal meandro do Castelo do Mau Vizinho.

O Poço de Baldar é um remanso, após um rápido elegante, de três a quatro metros de profundidade, com um corte vertical muito perfeito, liso, natural. Mas o pego, do lado do Castelo, apresenta um recanto sombrio, sempre escuro e feio, misterioso e insondável. É velado por silvas e arbustos, tudo concorrendo para alimentar o misterioso da lenda popular.

É ali a porta do reino do averno, por onde o Pecado sai e entra com o seu cavalo, a coberto do mistério insondável daquelas águas do Poço de Baldar.

Conta-se que dois homens da aldeia de Roriz andavam à pesca das trutas naquele ribeiro, tendo um deles mergulhado na perseguição das mesmas.

No mergulho entrou para dentro do misterioso esconderijo. Penetrou numa caverna escura e encontrou-se lá dentro em seco, sobre uma rocha, na mais completa escuridão. E ali ficou, naquele reino das trevas, sem saber como sair. O companheiro, farto de esperar, convenceu-se de que grande desgraça lhe sucedera. Tomou-lhe as roupas e foi-se embora para dar conhecimento, à família e vizinhos, de tão triste como temeroso facto.

Ao outro dia, quando uma ténue «luzença» chegou à caverna onde o prisioneiro do Demo se encontrava, resolveu este tentar um mergulho

na direcção da claridade. Felizmente a tentativa resultou em bem. O homem viu-se a salvo das mil conjecturas sombrias daquele martirizante cativo. E o último precalço que se lhe seguiu, foi ter de regressar ao povo às ocultas, por ir nuzinho de todo, à «Pai Adão».

Procurei dois auxiliares, um dia, para ir explorar o Poço de Baldar. Tudo se combinou. Mas quando estávamos para partir, um deles não apareceu. Receoso de qualquer desgraça, preferiu estragar-me os planos e não dar sinal de gente. Com um só auxiliar nada consegui.

O caçador José Pio, afamado que ele foi nos seus tempos e neste desporto, relata-nos hoje como todos os caçadores de Cimo de Vila e arredores sempre olhavam para o morro do Castelo do Mau Vizinho e o tinham como coisa sagrada, onde nunca em tempo algum houvera o atrevimento de por um pé ou dar um tiro. Qualquer coelho que para lá se escapasse corrido pelos cães, podia muito bem ser encarnação do Diabo... E, mais a mais, até as espingardas se negariam a dar fogo.



Nota — Embora não confirmada, refere-se uma informação recolhida por António da Eira e Costa relacionando o «Tesouro de Lebução» com o Castelo do Mau Vizinho.



«Ao fundo da vertente leste do Castelo do Mau Vizinho existem umas rochas altas, onde se vê uma cavidade bastante acima do chão. Foi-me dito (A. da E. e C.) e garantido que ali aparecera um tesouro antigo de jóias de ouro, e que tais jóias transitaram para Lebução. Por isso, o «Tesouro de Lebução», tão conhecido, seria do Castelo do Mau Vizinho, antes de ser de Lebução».

Maio de 1990.

BIBLIOGRAFIA

LEITE DE VASCONCELOS — *Religiões da Lusitânia*, Vls. I, II e III (Lisboa, 1897, 1905 e 1913).

ADÉRITO MEDEIROS FREITAS — *As Pias dos Mouros*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XXIII, Fasc. II e III, Porto, 1978.

ANTÔNIO DA EIRA E COSTA — *O Castelo do Mau Vizinho*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XXII, Fasc. 3, Porto, 1973.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR, ADÉRITO MEDEIROS FREITAS — *Castelo do Mau Vizinho*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XXIV, Fasc. II, 1982.